

## I

Vários dos colaboradores desta colecção de «autobiografias intelectuais» prefaciaram as suas contribuições com algumas reflexões críticas acerca da dificuldade e da singularidade desta tarefa. Julgo poder dizer que a minha tarefa é mais difícil ainda, pois publiquei já repetidas vezes trabalhos como este que agora me pedem, e neles fui levado, pela natureza do próprio objecto, a falar mais do meu papel pessoal do que nestes casos é habitual ou sequer necessário.

Foi em 1909 que apresentei pela primeira vez a evolução e os conteúdos da psicanálise, numa série de cinco conferências na Clark University, em Worcester, Mass., por ocasião do vigésimo aniversário desta instituição<sup>1</sup>. Cedi recentemente à tentação de contribuir com um trabalho semelhante para uma antologia americana, acerca dos primeiros anos do século vinte, porque esta publicação dedicou um capítulo próprio à psicanálise, assim reconhecendo a sua importância<sup>2</sup>. Entre estes dois trabalhos conta-se ainda um outro, de 1914, *História do movimento psicanalítico*<sup>3</sup>, que na verdade contém já os aspectos fundamentais que presentemente teria a referir. Não querendo correr o risco de me contradizer nem de repetir na íntegra o que disse noutras ocasiões, terei agora que encontrar um novo equilíbrio entre um ponto de vista subjectivo e um ponto de vista objectivo, entre o interesse biográfico e o interesse histórico.

Nasci a 6 de Maio de 1856, em Freiberg, na Morávia, uma pequena cidade da actual Checoslováquia. Os meus pais eram judeus, e também eu permaneci judeu. A família do meu pai, tanto quanto sei, viveu por muito tempo junto ao Reno (em Colónia); no século catorze ou quinze, fugiu para Leste durante uma perseguição aos judeus e, já no século dezanove, deixou a Lituânia e atravessou a Galícia para regressar à Áustria alemã. Com quatro anos cheguei a Viena, onde fiz a escola. No liceu<sup>4</sup> fui o melhor aluno ao longo de sete anos e, graças a esta posição privilegiada, raramente ia a exame. Apesar de vivermos modestamente, o meu pai insistiu sempre em que eu escolhesse um ofício de acordo com as minhas inclinações. Nunca senti durante a minha juventude uma particular predilecção pelo estatuto e pela profissão de médico — mais tarde, de resto, também não. Era antes movido por uma curiosidade que incidia mais sobre as relações humanas do que sobre objectos físicos e que além disso não se satisfazia apenas ou sequer sobretudo através da observação. O conhecimento em tenra idade da história bíblica, assim que comecei a dominar a arte da leitura, marcou para sempre, como só muito mais tarde viria a perceber, o rumo dos meus interesses. Fortemente influenciado pela amizade com um colega de escola um tanto mais velho, que depois ganhou reputação como político, também eu queria estudar Direito e empenhar-me socialmente.<sup>5</sup> Ao mesmo tempo, sentia uma grande atracção pela teoria de Darwin, na altura muito actual, pois prometia um extraordinário progresso no conhecimento do mundo, e sei que o bonito ensaio de Goethe «A natureza», apresentado numa conferência popular a que assisti pouco antes das provas de acesso à universidade, foi a circunstância decisiva para que me matriculasse em Medicina.

A universidade, onde entrei em 1873, trouxe-me de início algumas desilusões bastante palpáveis. Incomodava-me acima de tudo a expectativa de que eu me sentisse inferior e excluído por ser judeu. Rejeitei liminarmente a primeira imposição. Nunca percebi por que razão havia eu de ter vergonha das minhas origens ou, como então se começava a dizer, da minha raça. Quan-

to ao sentimento de pertença a um grupo, que me era vedado, renunciei a ele sem grandes pruridos. Acreditava que, mesmo sem ingressar nas fileiras, um trabalhador empenhado encontraria sempre um pequeno lugar no quadro mais lato da humanidade. Mas estas primeiras impressões da universidade tiveram uma consequência que mais tarde revelaria a sua importância. Que desde cedo eu tenha conhecido a sorte de quem é relegado para a oposição e banido pela «esmagadora maioria»<sup>6</sup>, serviu de preparação para uma certa independência intelectual.

Nos primeiros anos da universidade, além disso, fui obrigado a reconhecer que as limitações e a natureza idiossincrática dos meus talentos me impediam de atingir qualquer êxito em várias das cadeiras científicas por que enveredara com precipitação adolescente. Foi assim que aprendi como é verdadeiro o aviso de Mefistófeles:

É vã toda a pesquisa delirante,  
Cada um só aprende o que pode aprender<sup>7</sup>.

No laboratório de fisiologia de Ernst Brücke encontrei finalmente tranquilidade e total satisfação, bem como pessoas que podia respeitar e tomar como modelos: o próprio Brücke e os seus assistentes, Sigmund Exner e Ernst von Fleischl-Marxow, este último uma personalidade brilhante, de quem tive a honra de ser amigo pessoal. Brücke propôs-me um problema da histologia do sistema nervoso que consegui resolver a seu contento e que depois pude desenvolver autonomamente. Trabalhei neste instituto entre 1876 e 1882, com breves interrupções, e era voz corrente que seria designado assistente assim que abrisse uma vaga. As cadeiras específicas da Medicina — com exceção da Psiquiatria — não me atraíam. Fiz o curso com grande negligência e só completei a licenciatura em Clínica Geral em 1881 — com um atraso considerável, portanto.

O momento de viragem ocorreu em 1882, quando o meu excelente professor, frisando a minha difícil situação financeira, corrigiu a generosa imprudência do meu pai e me instou a de-

sistir de uma carreira de investigação. Segui o seu conselho, abandonei o laboratório de fisiologia e entrei como interno no Allgemeines Krankenhaus [Hospital Geral] de Viena. Algum tempo depois, fui promovido a assistente hospitalar e trabalhei em diversos serviços. Ao longo de mais de meio ano, trabalhei também sob a orientação de Meynert, cuja obra e personalidade já em estudante eu admirava.

Em certo sentido, porém, mantive-me fiel ao primeiro rumo do meu trabalho. Brücke tinha-me proposto que estudasse a espinal-medula de um dos peixes mais elementares (*ammocoetes petromyzon*), e eu dedicava-me agora ao sistema nervoso central humano, cujos intrincados tractos eram vistos a nova luz graças à recente descoberta de Flechsig da formação não simultânea das bainhas de mielina. Ao escolher como único objecto de estudo o bulbo raquidiano, estava também a dar continuidade àquele rumo inicial. Em contraste com a natureza difusa dos meus primeiros anos na universidade, começava agora a desenvolver uma tendência para concentrar o meu trabalho exclusivamente num objecto de estudo ou num problema. Esta tendência permaneceu e mais tarde valeu-me a censura de ser parcial.

Trabalhava agora no Instituto de Anatomia Cerebral com tanto entusiasmo como antes trabalhara no laboratório de fisiologia. Escrevi pequenos trabalhos sobre o trajecto dos tractos nervosos e as origens nucleares no bulbo raquidiano que chamaram a atenção de Edinger. Meynert, que me abria as portas do laboratório mesmo quando eu não trabalhava ainda com ele, propôs-me um dia que eu me dedicasse definitivamente à anatomia do cérebro e, sentindo-se já demasiado velho para acompanhar os novos métodos, prometeu que me deixaria dar as suas aulas. Assustado com a grande responsabilidade que a tarefa envolvia, recusei o convite; talvez que na altura tivesse já também intuído que a proposta deste homem genial estava longe de ser bem-intencionada.

De um ponto de vista prático, a anatomia do cérebro não representava um grande progresso quando comparada com a fisiologia. Levado por considerações financeiras, comecei a estu-

dar as doenças nervosas. Por esta altura, em Viena, esta era uma especialidade que merecia pouca atenção, o material encontrava-se disperso por diferentes serviços do hospital, não tínhamos grandes oportunidades de obter uma boa formação neste campo e assim só nos restava sermos os nossos próprios professores. Mesmo Nothnagel, que fora chamado há pouco tempo para o instituto, ao publicar o seu livro sobre a localização cerebral, não distinguia a Neuropatologia de outras subespecialidades da Medicina Interna. Ao longe brilhava o grande nome de Charcot, e foi assim que concebi o plano de entrar para o corpo docente, leccionando sobre doenças nervosas, e de partir depois rumo a Paris para continuar os meus estudos.

Nos anos que se seguiram, sempre a trabalhar como assistente hospitalar, publiquei várias observações casuísticas sobre doenças orgânicas do sistema nervoso. Aos poucos fui ganhando à-vontade neste domínio; sabia localizar uma lesão no bulbo raquidiano de modo tão preciso que o anatomopatologista nada tinha a acrescentar; fui o primeiro em Viena a enviar um caso para autópsia com o diagnóstico de polinevrite aguda. A fama dos meus diagnósticos, que as autópsias confirmavam, atraiu alguns médicos americanos, a quem dei aulas sobre os pacientes no meu serviço numa espécie de inglês pidgin. Sobre neuroses, eu nada sabia. Quando certa vez apresentei aos meus ouvintes um paciente neurótico com dores de cabeça persistentes como sendo um caso de meningite crónica circunscrita, todos eles se insurgiram criticamente, com muita razão aliás, e a minha prematura actividade como professor chegou ao fim. À laia de justificação, note-se que neste tempo mesmo as grandes autoridades de Viena costumavam diagnosticar a neurastenia como um tumor cerebral.

Na Primavera de 1885, os meus trabalhos clínicos e histológicos valeram-me o cargo de leitor de Neuropatologia. Pouco tempo depois, graças a uma calorosa carta de recomendação de Brücke, foi-me concedida uma generosa bolsa de estudo para o estrangeiro. No Outono desse ano, viajei para Paris.

Entrei como aluno na clínica de Salpêtrière, mas de início, sendo um entre muitos alunos estrangeiros, ninguém me dava